

Locação, posse e temporalidade na realização de argumentos: como a gramática utiliza a metáfora da locação.

Eduardo Correa Soares²⁷⁰, Sérgio de Moura Menuzzi²⁷¹

soares_ec@yahoo.com.br, smenuzzi@gmail.com

RESUMO

Na literatura sobre realização de argumentos, há uma hipótese muito aceita de que possuidores (animados ou não) podem ser interpretados como locações. Da mesma forma, eventos temporalmente relacionados podem ser vistos como extensões metafóricas da ideia de locação. Neste trabalho, procuramos avaliar essas ideias, verificando se tais metáforas atuam no modo como são realizados os argumentos dos predicados verbais. Para isso, percorremos alguns dos principais trabalhos dentro da chamada Hipótese Localista (ou Hipótese das Relações Temáticas), que trata de padrões de complementação verbal lexicalmente associados aos significados dos verbos. Ao longo da apresentação das ideias essenciais dessa hipótese, apontamos suas principais contribuições para a teoria da ligação entre sintaxe e semântica lexical e sua formalização. Mostramos que as metáforas são plenamente produtivas para relacionar os padrões sintáticos à certas classes de verbos – especificamente, os verbos de causação de posse e de perda de posse, e os verbos de causação de ação e os verbos de cessação de ação. A classe dos verbos ditransitivos, por exemplo, parece ser largamente sensível à metáfora da locação, pois, quando o verbo está cognitivamente associado à ideia de que *um objeto vai para o possuidor*, a preposição selecionada é "para", como em *João*

²⁷⁰ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.

²⁷¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.

deu/enviou/emprestou o livro para Maria; bem como, quando o verbo está associado à ideia de que *um objeto se vai do possuidor*, a preposição selecionada é "de", como em *João roubou/tomou/pegou o livro de Maria*. De modo semelhante, verbos ditos de causação de ação parecem estar associados ao fato de um agente causar *um participante subordinado ir para um determinado "estado de coisas"*, como em *João forçou/obrigou/desafiou Maria a correr*; enquanto, verbos de prevenção de ação parecem apresentar uma ideia de um agente causar *um participante subordinado se ir de (ou sair de) um determinado estado-de-coisas*, como em *João desmotivou/desestimulou/dissuadiu Maria de correr*. Concluímos que a estrutura argumental destes predicados fornece evidência para a Hipótese Localista, de que a semântica básica de qualquer evento ou estado é uma relação espacial, que é capaz de codificar a realização sintática dos participantes.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora; realização de argumentos; semântica lexical; preposições; causação de posse; causação de ação.

ABSTRACT

One of the widespread hypotheses argued for in the literature on argument realization is that (animate) possessors are conceived of as locations. In the same vein, predicates denoting sets of temporally related events can also be seen as relations between locations. In this paper, we try to evaluate these ideas investigating the possibility that argument realization is constrained by such metaphors. In order to develop this analysis, we examine some of the core works in the so-called Localist Hypothesis (or Thematic Relation Hypothesis), which concern verbal argument realization patterns associated to the lexical meaning of verbs. Along the presentation of essential assumptions of this hypothesis, we point out its main contributions for the theory of argument linking and its formalization. We show that the metaphors are fully productive with respect to the syntactic patterns related to certain verb classes – specifically, verbs of causation of possession and of loss of possession, as well as verbs of causation of action and of cessation of action. The class of ditransitive verbs, for example, seems to be largely sensible to the locational metaphor: when a verb is cognitively associated with the idea that an object goes to the possessor, the preposition selected is *para*, as in *João deu/enviou/emprestou o livro para Maria*; on the other hand, when the verb is associated with the idea that an object goes from the possessor, the preposition selected

is "de", as *João roubou/tomou/pegou o livro de Maria*. Likewise, verbs of causation of action seem to be associated to the idea that an agent causes a subordinate participant to go to a determined state-of-affairs, as *João forçou/obligou/desafiou Maria a correr*; while verbs of cessation of action seem to present an idea that an agent cause a subordinate participant to go (away) from a determined state-of-affairs, as *João desmotivou/desestimulou/dissuadiu Maria de correr*. We conclude that the argument structure of these types of predicates provides evidence for the Localist Hypothesis that the basic semantics of any event or state is a spatial relation, which is able to encode the syntactic realization of participants.

KEYWORDS: Metaphor; argument realization; lexical semantics; prepositions; causation of possession; causation of action.

Introdução

É uma proposta bastante difundida na literatura sobre realização de argumentos a de que possuidores podem ser interpretados metaforicamente pela gramática como locações, (*Possessor-as-Location Hypothesis*), para fins da ligação da semântica dos argumentos com a sua respectiva representação na sintaxe (realização de argumentos). Do mesmo modo, há um intenso debate sobre o fato de a realização de argumentos de eventos temporalmente relacionados serem extensões metafóricas da ideia de locação (*Time-as-Location Hypothesis*). Neste trabalho, buscamos avaliar se a dimensão semântico-cognitiva dessas metáforas, de fato, interfere na representação gramatical. Para isso, analisamos padrões de complementação verbal e sua relação com os significados lexicalmente associados a verbos, buscando evidências de que a gramática "enxerga" a informação de natureza locacional e estende essa informação a outros campos – especificamente, aos campos possessional e temporal.

Para analisar esses fenômenos, nossa proposta se baseia em larga medida na Hipótese Localista tal como incorporada à discussão gramatical contemporânea por Gruber (1965) e Jackendoff (1985). Segundo esta hipótese, a semântica básica de qualquer evento é essencialmente de locação e de deslocamento. Procuraremos mostrar, no que segue, que a metáfora é plenamente produtiva para se derivar os padrões

sintáticos associados a certas classes de verbos, como os verbos bitransitivos de causação de posse e de perda de posse, bem como os verbos de causação de ação e os verbos de cessação de ação.

Para chegarmos a esse resultado, na seção um deste artigo, introduzimos a Hipótese Localista tal como proposta por Gruber e Jackendoff, especialmente as duas principais restrições formais formuladas por Jackendoff para a representação semântica dos verbos: a *Grammatical Constraint*, ou "Restrição Gramatical", que é comumente aceita na literatura sobre a realização de argumentos, e Hipótese Localista (ou *Hipótese das Relações Temáticas*) propriamente dita – isto é, formulada formalmente. Na seção 2, apresentaremos os argumentos (linguístico-gramaticais) essenciais da Hipótese Localista, bem como o esboço da teoria de associação lexical entre sintaxe e semântica que utilizaremos implicitamente; por fim, ainda nessa seção, introduziremos alguns primitivos locacionais com que trabalharemos em seguida. Na seção 3, apresentaremos a "Hipótese do Possuidor-como-Locação" (*Possessor-as-Location Hypothesis*), buscando confirmá-la com a análise dos verbos de causação de (perda de) posse. Na seção 4, apresentaremos a "Hipótese do Tempo-como-Locação" (*Time-as-Location Hypothesis*), buscando também confirmá-la com a análise dos verbos de causação de (cessação de) ação.

1. A Hipótese Localista

Na literatura sobre ligação entre sintaxe e semântica (realização de argumentos), adota-se (às vezes, implicitamente) a Restrição Gramatical (*Grammatical Constraint*), que Jackendoff formula do seguinte modo (1985, p. 13-16): "representações semânticas sustentadas por generalizações sintáticas são preferidas".²⁷² No caso da realização sintática dos argumentos, por exemplo, tais representações devem ser preferidas se permitirem que se vislumbre uma "motivação natural" para a ligação entre certos tipos de argumentos semânticos e certas funções sintáticas. Muitos dos autores que trabalham com fenômenos relacionados à realização de argumentos sustentam que o elemento fundamental, neste caso, é o "modo de participação" do argumento no tipo de

²⁷² No original, "The Grammatical Constraint says that one should prefer a semantic theory that explains otherwise arbitrary generalizations about the syntax and the lexicon".

evento denotado pelo verbo. Esta idéia pode ser formulada de vários modos e é o que está incorporado a qualquer teoria dos chamados "papéis semânticos, ou *temáticos*".²⁷³ Aqui, defenderemos uma visão particular destes papéis, baseada na ideia de que a estrutura de eventos e a realização dos argumentos envolvem primitivos *temático-locacionais*, como os propostos originalmente por Gruber (1965) e, posteriormente, por J. Anderson (1971), Miller & Johnson-Laird (1976), Ostler (1979) e, especialmente, Jackendoff (1972, 1976, 1985, 1987 e 1990).

Dentro dessa perspectiva, a semântica dos predicados verbais corresponde a uma representação de sua "estrutura de eventos"; e, nessa estrutura, o elemento central é uma "relação locacional", que pode ser estática (locação propriamente dita) ou dinâmica (mudança de locação). Como salientam Menuzzi, Ribeiro e Soares (2011), numa versão forte desta teoria, *todos* os eventos refletem um "núcleo conceitual locacional"; eventos que parecem não envolver locação ou deslocamento espacial devem ser concebidos, por "extensão metafórica", como tal. A formulação precisa de Jackendoff (1985, p. 188) para a hipótese é a seguinte:

“Hipótese das Relações Temáticas :

Em qualquer campo semântico de [EVENTOS] ou de [ESTADOS], as principais funções de evento, de estado, de deslocamento e de locação são um subconjunto das funções que são usadas para a análise de uma locação ou de um deslocamento. Os campos diferem em somente três possibilidades:

- a. que tipo de entidades podem aparecer como tema;

²⁷³ Presumimos aqui, como em Soares & Menuzzi (2010b), que os papéis temáticos são este tipo de objeto. Como dissemos naquele trabalho, "desde o fim da década de 1960, a noção de papel temático vem sendo largamente adotada como uma forma de representação do significado lexical que é útil na explicação da 'interface' entre sintaxe e semântica. Mais especificamente, papéis temáticos como agente, paciente, etc. (...) representariam, de um lado, o modo como conceitualizamos o tipo de situação ou acontecimento do mundo expresso pelo verbo, codificando o modo como uma entidade – o argumento verbal – participa dessa situação ou evento; por outro lado, esses papéis seriam a informação que indicaria para a gramática da língua quais mecanismos gramaticais – como posição na frase, concordância, preposições, etc. – utilizar na expressão de um determinado argumento." Para uma discussão mais detalhada da concepção de papéis temáticos ao longo da história da gramática, ver Levin & Rappaport-Hovav (2005), Soares & Menuzzi (2010b), e referências lá citadas.

b. que tipo de entidades podem aparecer como objetos de referência espacial;

c. que tipo de relação assume o papel desempenhado pela [relação de] locação no campo das expressões espaciais.”²⁷⁴

Por exemplo, no campo da posse, temas e objetos de referência devem ser COISAS;²⁷⁵ e a relação que assume o papel da relação de *locação* – isto é, a relação que é "concebida conceitualmente" como a correspondente metafórica de "X está em Y" – é a relação de *posse*, ou "Y possui X". Em outros termos: "Y possui X" deve ser interpretada como uma instanciação da "estrutura de eventos" [Estado X ESTAR [Lugar EM Y]], composta por duas "funções locativas primitivas" – o predicado de locação estativa [Estado X ESTAR [Lugar Z]] e a função de lugar [Lugar EM Y].

Os autores que sustentam essa hipótese têm desenvolvido a teoria tentando mostrar que certos padrões gramaticais e lexicais comuns a campos semânticos aparentemente não-relacionados são, na verdade, manifestações paralelas das funções locativas básicas. Vejamos alguns destes argumentos.

2. Argumentos Essenciais

O problema geral que dá origem à Hipótese Localista é a tentativa de sistematizar famílias de papéis temáticos, pois uma lista não estruturada permitiria, em princípio, um número infinito de tipos semânticos de argumentos.²⁷⁶ Assim, em

²⁷⁴ No original: "Thematic Relation Hypothesis (TRH): In any semantic field of [EVENTS] and [STATES], the principal event-, state-, path-, and place-functions are a subset of those used for the analysis of spatial location and motion. Fields differ in only three possible ways: a. what sorts of entities may appear as theme; b. what sorts of entities may appear as reference objects; c. what kind of relation assumes the role played by location in the field of spatial expressions."

²⁷⁵ COISAS (em inglês, THINGS) são entidades ontológicas que se referem a uma "coisa" no mundo, um objeto ou ser capaz de ser individualizável (humanos, animais, objetos, etc.). A teoria semântica de Jackendoff fornece caracterizações conceituais para vários outros tipos de "entidades" de nossa experiência, incluindo EVENTOS, ESTADOS, TRAJETÓRIAS (em inglês, PATHS), LUGARES, etc. Para mais detalhes, ver Jackendoff (1985, capítulo 3)

²⁷⁶ Em Fillmore (1968), texto considerado fundador da teoria de papéis temáticos, há uma lista de papéis presumivelmente universais. No entanto, o autor deixa em aberto a questão de quantos e quais são

Jackendoff (1972) e em trabalhos subsequentes, o autor toma como base as propostas de Gruber (1965), que buscava adicionar restrições às possibilidades de tipos de argumentos, explicitando-as numa versão inicial da já citada “Hipótese das Relações Temáticas”. Esta hipótese, que depois veio a ser conhecida também como "Hipótese Localista", é a primeira teoria organizada dos papéis temáticos – isto é, a primeira tentativa de fornecer algum limite para os papéis possíveis. Gruber (1965), chega essa hipótese observando o comportamento sistemático das preposições em classes de verbos de diferentes campos semânticos. Um dos casos mais claros é o paralelismo da distribuição das preposições *to* e *from* em verbos de locação e de posse.

- (1) a. The letter went from New York to Philadelphia.
 'A carta foi de Nova Iorque para Filadélfia'
 b. John obtained a book from Mary.
 'João obteve um livro da Maria.'
 c. John gave a book to Bill.
 'João deu um livro para Bill.'

(Gruber, 1965, p. 47-48)

Em (1a), com um verbo de movimentação espacial, temos um tema, "a carta", que se desloca da origem do movimento, "Nova Iorque", expressa pela preposição *from/de*, até a meta, "Filadélfia", expressa pela preposição *to/para*. Da mesma forma, com verbos de transação de posse, como *obtain/obter* e *give/dar* em (1b,c), quando o sintagma nominal designa a origem da transação – como "Maria" em (1b) –, é antecedido pela preposição *from/de*; já quando o sintagma nominal designa a meta – como como "Bill" em (1c) –, é antecedido pela preposição *to/para*. Gruber (1965, p. 47-53; 101-109) demonstra que diversos usos de preposições podem ser descritos estendendo-se a ideia de locação a outros campos tais como o da posse.²⁷⁷

os papéis possíveis. Os trabalhos subsequentes que utilizam listas de papéis temáticos têm aumentado substancialmente seu número, divergindo cada vez mais sobre quais são e como se definem. Para detalhes a respeito desses problemas, ver Jackendoff (1972), Levin & Rappaport-Hovav (2005), Soares & Menuzzi (2010b), entre muitos outros.

²⁷⁷ Aqui, utilizamos os papéis temáticos provenientes da Hipótese Localista. Para a presente exposição, seguimos Jackendoff (1972, p. 29-31) assumindo que *tema* é o elemento localizado ou em deslocamento; *meta* e *origem* são os objetos de referência dessa localização ou desse deslocamento, sendo o primeiro o ponto de chegada e o segundo o ponto de partida. Estas noções devem ser tomadas em sentido abstrato, já que se estendem a relações de posse, a relações entre eventos, etc.

Encontramos muitas muitas evidências de que a língua portuguesa opera com essa extensão particular. Admitindo-se que o possuidor é um local no qual está o tema, pode-se compreender o paralelo que encontramos na realização de argumentos nos pares de sentença em (2) e em (3):

- (2) campo semântico: posse
 - a. A faca pertence a/ está com/ coube a/é de João.
 - b. João tem/possui/recebeu/adquiriu/perdeu a faca.
- (3) campo semântico: locação
 - a. A geleia se encontra/ se localiza/ está/ ficou no pote.
 - b. O pote contém/inclui/sustenta/aguenta/permite 200g de geleia.

Em (2a) e (3a), o tema (o argumento que está sendo localizado/possuído) aparece como sujeito, e sua locação (ou possuidor), como complemento oblíquo. Em (2b) e (3b), a locação (ou possuidor) aparece como sujeito, enquanto o tema aparece como objeto direto. Assim, há uniformidade de expressão sintática entre os dois campos, em particular no que diz respeito à ordem de acesso à função de sujeito, uniformidade que pode ser expressa pela seguinte generalização: em predicados cujos argumentos são tema e locação, locação tem prioridade de acesso à função de sujeito e só dá lugar ao tema se "demovido" para uma posição oblíqua (processo semelhante ao que ocorre na voz passiva). Mas, observe-se, o ponto crucial é que só é possível fazer esta generalização se se admite que ambos os campos compartilham as mesmas relações temáticas, ou seja, possuidor é conceitualmente paralelo a locação.

Além disso, conforme Gruber e Jackendoff observaram, há polissemia sistemática e pervasiva de "verbos básicos", que tendem a ocorrer em diversos campos semânticos, expressando analogias capturadas pelas extensões metafóricas da Hipótese Localista. Abaixo apresentamos exemplos deste fenômeno em português (adaptados de Menuzzi, Ribeiro e Soares 2011):

- (4) Verbo "ser"
 - a. Campo locacional: O xerox é no segundo andar.
 - b. Campo temporal: O encontro é na Segunda-feira.
 - c. Campo da posse: O livro é do João.
- (5) Verbo "passar"

- a. Campo locacional: O sofá passou do quarto para a sala.
 - b. Campo temporal: A aula passou de terça para quarta
 - c. Campo da posse: A casa passou do pai para o filho.
- (6) Verbo “manter”
- a. Campo locacional: Nós mantivemos o sofá na sala.
 - b. Campo temporal: Nós mantivemos a aula na terça.
 - c. Campo da posse: Nós mantivemos as jóias da vovó na família.

(Menuzzi, Ribeiro & Soares, 2011, p. 8)

Como podemos ver, em (4), o verbo *ser* pode ser empregado em diferentes campos semânticos (locacional, temporal e possessivo), e a estruturação sintática é semelhante: o "tema" é o sujeito e o objeto de referência é um sintagma preposicional. Em (5) e (6), vemos fenômenos semelhantes com *passar* e com *manter*. (Note-se a distribuição perfeitamente padronizada das preposições nestes dois últimos casos.)

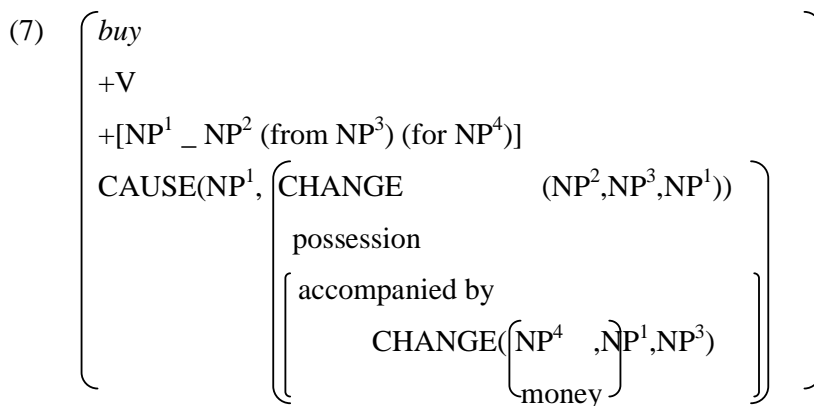
Olhando para esses diversos padrões, no entanto, uma pergunta emerge: como se dá a associação entre um significado lexical e sua expressão sintática? Gruber (1965) e Jackendoff (1972) concebiam esta associação de maneira diferente. Gruber (1965) sustentava a idéia de um nível pré-lexical na sintaxe, no qual as preposições teriam um papel atribuidor e depois seriam deletadas (ou incorporadas) no decurso da derivação. Mas Jackendoff (1972), baseado em Gruber (1965), Katz (1966) e nos trabalhos da semântica gerativa, sugeriu pela primeira vez a concepção que exploraremos daqui para frente:²⁷⁸ os papéis temáticos, na verdade, são os argumentos de funções semânticas mais primitivas que compõem os itens lexicais, e essas funções se relacionam com a sintaxe na representação lexical do verbo.

Essa ideia provém do debate instaurado pela hipótese de Katz & Postal (1964), segundo a qual toda a informação semântica deveria aparecer na estrutura profunda da sentença, hipótese posteriormente explorada pela semântica gerativa. (Ver, por exemplo, Lakoff 1970, 1971; McCawley 1968; e S. Anderson 1971.) Para Jackendoff (1972, p. 37), uma maneira particular de se conceber a hipótese de Katz & Postal (1964)

²⁷⁸ A semântica gerativa, segundo Newmeyer (1980, p. 112), foi um grupo de pesquisadores que, por volta do começo dos anos 1970, passou a conceber a estrutura profunda de maneira mais abstrata do que geralmente era concebida. Segundo esses autores, ela deveria representar se não toda, pelo menos boa parte da informação semântica contida em uma sentença. Para diferentes perspectivas sobre o movimento, ver Newmeyer (1980) e Harris (1993).

é assumir que há um elemento do componente semântico a partir do qual se derivam as relações temáticas para a estrutura profunda.²⁷⁹ Nesse sentido, como dissemos, a entrada lexical do verbo é enriquecida, permitindo que se possam correlacionar as propriedades gramaticais e as temáticas do predicado.

Assim, Jackendoff (1972) inicia a articular aquilo que, posteriormente, seria considerado como a teoria da "decomposição lexical" dos significados verbais em "predicados primitivos". Para ele (1972, p. 39), há, inicialmente, duas funções semânticas relevantes, CAUSE e CHANGE, para os eventos, às quais se adiciona BE, para os estados. Segundo ele, as relações temáticas seriam definidas a partir dessas funções, presumivelmente universais. Ainda de acordo com Jackendoff, esses primitivos não seriam capazes de expressar toda a informação semântica do item lexical, mas somente a informação relevante para ligar as relações semânticas às relações gramaticais. Dentro desta concepção, todo item lexical apresentaria uma estrutura como a de *buy* 'comprar' em (7):



(Jackendoff, 1972, p. 40)

A entrada lexical, de acordo com essa concepção, seria composta da informação fonológica, sintática e semântica, e faria a ligação entre essas informações. Na notação em (7), os índices sobrescritos expressam a correspondência entre as funções semânticas

²⁷⁹ A forma como Jackendoff assume a hipótese de Katz e Postal (1964) é um tanto distinta da versão vislumbrada por estes autores, tendo em vista que boa parte das informações são representadas nas entradas dos itens lexicais, e não na Estrutura Profunda – que é uma representação gramatical da sentença. Para Jackendoff (1972), a representação lexical pertinente pertence a um nível diferente de representação, não "sintático": este nível possui seus próprios primitivos e "conversa" com a sintaxe por princípios de correspondência diferentes dos que relacionam as diferentes representações sintáticas da frase (isto é, as transformações).

e as relações gramaticais exigidas pelo verbo *buy*. Especificamente, (7) expressa a ideia de que o primeiro sintagma nominal causa uma troca de um objeto (o segundo sintagma nominal) que, implicitamente descrito, vai do terceiro sintagma nominal (associado arbitrariamente à preposição *from*), acompanhado por uma troca (o segundo CHANGE) de dinheiro – o quarto sintagma nominal (associado arbitrariamente à preposição *for*).

Uma dificuldade que podemos observar desse exemplo é que, na primeira formulação que Jackendoff propôs para a "Hipótese Temática", não é apresentada qualquer tentativa explanatória para a escolha das preposições (o que nos interessa muito nesse trabalho): elas simplesmente são listadas na subcategorização (como um traço) e associadas à sua interpretação semântica no nível conceitual. Isso feriria a Restrição Gramatical.

Para resolver esse e outros problemas, algumas reelaborações, principalmente no componente semântico, foram feitas nos trabalhos Jackendoff (1985, 1987 e 1990), cujo objetivo primordial foi refinar e reelaborar as funções semânticas primitivas.

Analisando alguns fenômenos semântico-sintáticos do inglês, Jackendoff (1985, p. 163-175) adiciona a CAUSE (que basicamente codifica o desencadeador de qualquer evento) e a BE novas funções primitivas, como as abaixo especificadas:

(8) [PLACE]=> [_{Place} IN/AT/ON/UNDER... ([THING])]

[PATH] => [_{Path} TO/FROM/TOWARD/AWAY-FROM...([THING/PLACE])]

[EVENT]=> { [_{Event} GO ([THING], [PATH])
[_{Event} STAY ([THING], [PLACE])] }

[STATE]=> { [_{State} BE ([THING], [PLACE])
...] }

(adaptado de Jackendoff, 1985, p. 161-174)

Em (8), à esquerda de "=>" estão as categorias ontológicas elencadas por Jackendoff (1985). Essas são vistas como elementos basicamente capazes de serem individualizáveis pela cognição humana de modo coerente. À direita de "=>", estão os tipos de eventos, estados, locações e trajetórias (as "funções locacionais" primitivas), cada uma com suas peculiaridades de significado. Por exemplo, IN codifica a possibilidade de se estar dentro de um determinado objeto de referência, já ON e UNDER codificam a possibilidade de se estar em cima ou embaixo de um objeto de referência. TO e FROM (como tipos de trajetória, *paths*) codificam as ideias de ponto de chegada e

ponto de partida; já TOWARD e seu correlato AWAY FROM codificam as mesmas ideias de TO e FROM, com a diferença de que não se atinge o ponto de chegada ou de partida. GO representa um evento de deslocamento em um trajetória, enquanto STAY, um evento de permanência em uma locação. BE, introduzido em Jackendoff (1972), mas não desenvolvido, codifica o estado em que se encontra o tema quando em repouso (essencialmente, um "estado de locação").

É importante salientar que essas funções são objetos semânticos (ou seja, são "conceitos"), e não elementos sintáticos (o que faria a mediação entre a sintaxe e a semântica, como dissemos, seriam os itens lexicais). Então, o conjunto dessas funções é presumivelmente maior do que o que está descrito aqui, pois deve corresponder a tantas quantas forem as conceitualizações espaciais primitivas utilizadas pela língua. Assim, eximimo-nos de apresentar uma lista exaustiva das funções temáticas primitivas; no que segue, concentrar-nos-emos em apresentar como algumas delas operam em alguns fenômenos da gramática do português brasileiro (e do inglês). Quanto à teoria de associação entre semântica e sintaxe, assumiremos que a Restrição Gramatical atua como mediadora da escolha das representações semânticas e que a associação de um determinada representação a uma sintaxe particular é, em grande medida, natural e decorrente da associação de itens lexicais particulares à semântica de uma classe verbal.

3. Hipótese do Possuidor-come-Locação – o caso dos verbos de causação (de perda) de posse

Como vimos, um dos argumentos a favor da Hipótese Localista é a possibilidade de estender a semântica dos verbos (preposições, etc.) do campo locacional a verbos de outros campos. Essas extensões operam, via de regra, como metáforas, e uma das extensões metafóricas mais comumente feitas é do campo locacional para o campo da posse. Nessa perspectiva, Jackendoff (1985, p. 192) propõe a seguinte extensão:

(9) Campo de Posse Alienável:

- a. [THINGS] aparecem como tema.
- b. [THINGS] aparecem como objetos de referência.

c. O possuidor cumpre o papel de locação; isto é, "y ter/possuir x" é conceitualmente

paralelo "x está em y".²⁸⁰

A extensão que Jackendoff propõe estabelece que os argumentos das funções locacionais sejam "coisas" (em inglês, "things"), interpretadas enquanto entidade ontológica que se refere a uma coisa no mundo (humanos, animais, objetos, etc.), como já salientamos (ver nota 6). Além disso, estabelece um esquema de interpretação em que as noções espaciais sejam vistas como noções abstratas de posse (que inclui todos os conceitos relevantes de "posse", como propriedade, custódia, disposição para fins de uso, conhecimento, etc.).

No caso da realização da preposição *para*, essa análise explica de onde provém a forma preposicionada sem recorrer a ideia de deslocamento²⁸¹, que parece de fato não estar relacionada a alguns verbos de causação de posse, como:

- (10) a. João deu uma casa para a Maria.
- b. O pai deixou um carro para seu filho.

Os verbos em (10a,b) parecem não ter nenhuma espécie de deslocamento físico implicados em seu significado. Para explicar, então, a utilização da preposição *to*, Jackendoff (1990, p. 135-137) propõe que a semântica, segundo a Hipótese Localista, seja feita dividindo-se os verbos de causação de posse em duas subclasses ("Verb-sensitive Approach", ver, ainda, Levin & Rappaport-Hovav 2005, Levin & Rappaport-Hovav 2008, Levin 2008 e Levin 2010). A primeira classe seria constituída por verbos que têm significado somente de posse (ou seja, que não denotam deslocamento físico). Estes incluem²⁸²:

- (11) (a) verbos que inerentemente significam atos de dar:
dar, passar, vender, pagar, emprestar, doar, ceder, alugar

²⁸⁰ No original, "Alienable Possession: a. [THINGS] appear as theme; b. [THINGS] appear as reference object; c. Being alienably possessed plays the role of location; that is, "y has/possesses x" is the conceptual parallel to spatial "x is at y".

²⁸¹ Proposta feita em trabalhos como Green (1974), Gropen et al. (1989), Pinker (1989), Beck & Johnson (2004), Harley (2003), Krifka (1999, 2004), entre outros.

²⁸² As subclassificações em (11) e em (13) foram extraídas de Levin & Rappaport-Hovav (2008), que se baseiam em Green (1994), em Gropen et al. (1994) e em Pinker (1989).

(b) verbos de posse futura

oferecer, prometer, deixar, alocar, garantir, permitir,

reservar

(c) verbos de tipo de mensagem comunicada

contar, mostrar, perguntar, ensinar, escrever, pregar,

exibir

(d) verbos de instrumento de comunicação:

telegrafar, telefonar

(e) verbos de desejo

restituir, creditar, confiar, jurar, fornecer

(f) verbos de maneira de falar:

gritar, murmurar, cochichar, sussurrar, berrar, resmungar,

clamar

(g) verbos de proposições e atitudes proposicionais:

dizer, perguntar, afirmar, reclamar, duvidar

Para esses verbos, Jackendoff propõe a seguinte estrutura semântica²⁸³:

(12) [CAUSE(x,[GO_{POSS}(z,[TO ([IN (y))]])])]

(Jackendoff, 1990, p. 135)

Em (12), vemos a semântica básica de toda essa classe de verbos: há um iniciador do evento que causa um subevento de o tema "ir para" o destinatário da posse. O diacrítico subscrito *POSS* indica que o esquema de interpretação foi "estendido metaforicamente" para um outro campo semântico – portanto, com possível perda de traços conceituais do predicado básico. É interessante notar que um aspecto da metáfora é mal capturado na notação de Jackendoff: normalmente, extensões metafóricas ocorrem por *perda* de traços conceituais, permitindo uma aplicação mais geral de um determinado conceito. No entanto, na notação de Jackendoff, as extensões metafóricas recebem diacríticos, por oposição ao conceito básico – o que pode sugerir, erroneamente, que o conceito estendido *ganhou* algum traço conceitual. O que acontece

²⁸³ Jackendoff(1990, p. 197-200) distingue duas subclasses somente: verbos com significado somente de posse e verbos com significado de deslocamento e de posse simultaneamente. A divisão feita neste trabalho, em subclasses menores, provém dos trabalhos de Green (1974), Pinker (1989), Gropen et al. (1989) e Levin (1993).

é precisamente o contrário. Independentemente dessa questão ortogonal, a representação semântica de Jackendoff nos permite dizer que, embora verbos de causação de posse sejam concebidos como eventos de GO-TO, não envolvem necessariamente deslocamento físico; apenas o "deslocamento abstrato" relativo ao campo da posse.

A outra classe cujos verbos estão associados a causação de posse são os verbos que têm significado de posse e de deslocamento simultaneamente. De acordo com Jackendoff (1990, p. 197-200), esses verbos têm um deslocamento físico, o que, por uma regra de inferência, leva-nos a associá-los também à posse. Essa classe é dividida em três subclasses:²⁸⁴

(13) (a) verbos de causação instantânea de movimento balístico:

jogar, chutar, arremessar

(b) verbos de envio:

enviar, mandar

(c) verbos de causação contínua de movimento com direção deiticamente especificada

levar, trazer

Para esses verbos, Jackendoff propõe a seguinte estrutura semântica:

(14) [CAUSE_{LAUNCH} (x, [GO (z^α, [TO ([IN (y^β)])])])])²⁸⁵
[GO_{POSS} (α, [TO ([IN (β)])])]²⁸⁶

(Jackendoff, 1990, p. 199)

O esquema conceitual básico dessa classe de verbos é de deslocamento propriamente dito, diferentemente da classe descrita por (12). A associação com um esquema de posse se dá por uma regra de inferência. Ou seja, segundo Jackendoff (1990), GO_{poss} não está na estrutura conceitual do verbo, a princípio; mas, somos

²⁸⁴ Subclassificação de Levin & Rappaport-Hovav (2008). Ver nota 13.

²⁸⁵ O diacrítico *launch* é adicionado por Jackendoff (1990, p. 138-139) para dar conta do fato de que somente verbos de movimento balístico instantâneo podem sofrer a alternância dativa (*John threw the ball to Mary./Jonh threw Mary the ball.* vs. *John carried the ball to Mary./*Jonh carried Mary the ball.*). A restrição já havia sido observada em Gropen et al. (1989) e em Pinker (1989). Ver também Michotte (1954).

²⁸⁶ A coindexação em Jackendoff (1990, p. 61-64) é utilizada para representar o caso em que um único argumento recebe mais de um papel temático (ou seja, está em mais de uma posição argumental na estrutura conceitual).

levados à representação em (14), que não é a “básica” do conceito, como resultado de um processo de inferência que opera sobre a classe. Como vemos em (14), essas classes de verbos têm um esquema conceitual de movimento propriamente dito (GO-TO sem diacrítico), o que prediz a utilização da preposição *para/a* em sua realização morfossintática. Além disso, segundo Jackendoff (1990, p. 198), estar associado a um esquema de deslocamento espacial possibilita uma gama maior de advérbios espaciais em adjunção, como vemos em (15a,b).

- (15) a. João deu a bola para a Maria/ *para fora da janela.
b. João jogou a bola para a Maria/ para fora da janela.

O exemplo em (15a) mostra que os verbos da primeira classe (ou seja, os que têm significado somente de posse) barram certos adjuntos adverbiais de lugar. Por outro lado, os verbos da classe que têm significado de deslocamento e de posse simultaneamente, como em (15b), aceitam esses adjuntos adverbiais.

A realização da preposição *de*, nos verbos que denotam causação de perda de posse, encontraria, de acordo com a análise proposta acima, uma explicação análoga à dos verbos que denotam causação de posse: ambas as classes teriam como esquema de interpretação o campo semântico de posse, especificado pelo diacrítico *POSS*, o que nos faz interpretá-los como causação de (perda de) posse. À diferença dos verbos que selecionam *para*, esses verbos teriam uma estrutura conceitual que provém da ideia básica de "ir(-se) de" – isto é, o predicado básico não seria GO-TO, mas GO-FROM. Com Jackendoff (1983, 1987 e 1990), é possível propor, portanto, uma decomposição semântica para essa classe que explica a preposição utilizada em português, como exemplificado em (16):

- (16) A Maria tirou/tomou/roubou de mim os melhores filmes.

Assim, tendo esquema conceitual semelhante dos verbos de causação de posse, os verbos que denotam causação de perda de posse poderiam ter, de acordo com a nossa análise, uma caracterização análoga a (18).

- (17) [CAUSE (x, [GO_{POSS} (z, [FROM ([IN (y)])])])]

Em (17), a caracterização expressa um evento em que há a causação de um “movimento no campo da posse” – o tema “vai-se do ex-possuidor”, que deixa de ter sua posse. Isso explica a preposição utilizada. Esta classe compreende os verbos em (18).

(18) Verbos de perda de posse:

tomar, roubar, sacar, remover, extrair, capturar, apanhar

Assim, a seleção das preposições nos verbos de causação de posse e de perda de posse parece ser sensível, em larga medida, às funções eventivas primitivas de deslocamento, de acordo com a Hipótese Localista. Isto é, são estas funções que constituem seu núcleo situacional. Concluimos que, de fato, a gramática estende metaforicamente os primitivos de representação espacial a verbos associados à ideia de causação de (perda de) posse.

4. Hipótese do Tempo-como-Locação – o caso dos verbos de causação (de cessação) de ação

Há outros domínios conceituais cuja semântica básica dos verbos pode ser derivada das relações de locação e de deslocamento. Por exemplo, é recorrente na literatura a ideia de que *tempo* pode ser visto como uma noção espacial (ver, por exemplo, Talmy 2000 e Haspelmath 1997). Com efeito, acreditamos que as funções eventivas espaciais de Jackendoff introduzem inerentemente relações temporais, como mostraremos nessa seção. Para que isso seja possível, precisamos de outra extensão da Hipótese Localista de Jackendoff (1985), segundo a qual entidades ontológicas com temporalidade também são locações (1985, p. 198):

(19) Campo Situacional:

a. [THINGS] aparecem como tema.

b. [EVENTS] e [STATES] aparecem como objetos de referência.

c. "y é a situação de x" cumpre o papel espacial de "x está em y".²⁸⁷

²⁸⁷ No original, "Circumstantial Field: a. [THINGS] appear as theme; b. [EVENTS] and [STATES] appear as reference object; c. "x is a character of y" plays the role of "x is at y".

(Jackendoff, 1985, p. 198)

A diferença em relação ao campo possessional diz respeito ao objeto de referência: neste campo, deve ser um estado ou um evento em que o tema se encontra (se encontrará ou se encontrou). Ainda, (19) estabelece um esquema de interpretação em que as noções espaciais devem ser vistas como noções de situacionalidade ou de circunstancialidade; ou seja, de como o tema está no (ou entra no, ou sai do) "estado de coisas" especificado pelo objeto de referência. Como dissemos, (19) possui uma propriedade interessante, quando tomada em conjunção com os primitivos espaciais introduzidos na seção um (propriedade que Jackendoff não explora): permite que as relações estabelecidas pelos esquemas de interpretação sejam lidas como "temporais", já que o objeto de referência é uma situação na qual o tema pode entrar ou da qual pode sair. De fato, pode-se demonstrar que os verbos de causação e cessação de causação são largamente sensíveis a essa extensão. Considere-se (20) e (21) abaixo:

(20) João persuadiu/forçou/obrigou/desafiou Maria *a* sair.

(21) João dissuadir/impedir/proibir/dispensou/desobrigou Maria *de* sair.

Como vemos em (20), os verbos ditos de causação de ação parecem estar associados ao fato de algo causar que um participante subordinado *vá para* uma determinada situação ou "estado de coisas". Representando essa semântica, Jackendoff (1985, p.200-201) propõe (22):

(22) [CAUSE(x,[GO_{STR}(z,[TO ([IN ([Event/State]))]])])]

Esses verbos têm em seu significado, por consequência de (19) e do predicado [GO([TO([IN(x))])]), uma semântica que, inerentemente, expressa um intervalo de tempo futuro dentro do campo situacional. Dessa forma, essa classe coerentemente expressa a semântica de temporalidade futura acarretada pelos predicados espaciais por meio da preposição *a*, que expressa a relação TO em português. Desse conjunto de verbos listamos alguns em (23).

(23) verbos de causação de ação:

persuadir, forçar, obrigar, desafiar, pressionar, compelir,
constranger, levar, coagir, sujeitar, submeter, motivar

De modo paralelo, vemos em (21) que os verbos de cessação de ação parecem apresentar a ideia de que algo faz com que um participante subordinado *se vá de* (ou saia de, ou se afaste de) uma determinada situação ou estado de coisas. Para representar a semântica dessa classe, propomos a seguinte representação:

(24) [CAUSE(x,[STAY/GO_{SIT}(z,[(AWAY)FROM([IN ([Event/State])])])])]

Esses verbos têm em seu significado, também por consequência de (19) e do predicado [GO([FROM([IN(x)])])], uma semântica que implica, dentro do campo situacional, temporalidade passada. Considere um contexto em que Maria fumava ou estava fumando. Neste contexto, “João impediu Maria de fumar” será interpretada como uma situação em que: (a) Maria estava, num momento *t*, numa certa “posição circunstancial” *F* – a de “ter o hábito, ou a de praticar a ação, de fumar”; e (b) Maria “se afastou” desta “posição circunstancial” – portanto, deixou o hábito, ou a ação, de fumar –, de modo que não está mais em *F* em um momento *t'* posterior a *t*. Crucialmente, a expressão sintática do “objeto de referência”, nessa classe, é feita por meio da preposição *de*, que expressa a relação FROM em português – é esta a preposição que expressa a ideia de afastamento, que, no domínio circunstancial, pode implicar ter estado, no passado, numa certa situação.

Observe-se que (24) expressa a ideia de que alguns verbos de cessação de causação significam algo como “cause X stay away from Z”. Este significado pode, é claro, ser aproximado à ideia de “cause X not to be at Z”, razão pela qual *away from Z* é analisado, por Jackendoff (1985 e 1990), precisamente como “not at Z”, sendo talvez melhor nomear os verbos de que aqui tratamos como *verbos de prevenção de ação*, pois em muitos casos o tema nem chega a praticar a ação. Crucialmente para nossa discussão, de acordo com esta análise, a preposição *from*, em seu uso em (24), torna-se “não relacionada à função de origem expressa por FROM” (1985, p. 200).²⁸⁸ Este passo parece antecipar a análise que Jackendoff propõe para estes verbos em *Semantic Structures*, que abandona completamente a utilização de predicados espaciais para

²⁸⁸ No original, “unrelated to the source-function expressed by from.”

descrevê-los (Jackendoff 1990, p. 131). É o que mostramos em (25) e em (26) abaixo, em que os predicados espaciais utilizados na análise semântica de *Semantics and Cognition* são abandonados em favor de uma análise com o predicado primitivo AFFECT (x,y), que codifica basicamente relações de afetação e de benefacção. Além desse predicado, Jackendoff recorre ainda ao operador de negação NOT e a bem-aceita função de causação CAUSE.

(25) Sue forced Jim to sing.

'Sue forçou Jim a cantar'

1985: [CAUSE ([SUE], [GO_{SIT} ([JIM]_i, [TO_{SIT} ([SING (i))])])]

1990: { CAUSE ([SUSIE], [SING ([JIM])])
AFFECT ([SUE], [FRED]) }

(26) Sue prevented Jim from singing.

'Sue impediu Jim de cantar'

1985: [CAUSE ([SUE], [STAY_{SIT} ([JIM], [NOT AT_{SIT} ([SING (JIM))])])]

1990: { CAUSE ([SUE], [NOT [SING (JIM)])]
AFFECT ([SUE], [FRED]) }

(adaptado de Menuzzi, Ribeiro & Soares, 2011, p. 28)

O predicado AFFECT (x,y) é o modo como Jackendoff (1990, p. 125-151) tenta incorporar em sua semântica o sistema de “dinâmica de forças” de Talmy (1988): o argumento *x* de AFFECT, é o que Talmy chama de “antagonista” – aquele que atua como um “vetor de força” sobre uma outra entidade – e o argumento *y* é o “agonista”, aquele cuja “tendência inerente” sofre a ação do “antagonista”. Em outros termos, AFFECT procurar codificar, de maneira conceitualmente mais interessante, a idéia de "ator" e “afetado” – ou “agente” e “paciente”. Nessa análise, a escolha das preposições, com estes predicados, teria um fundamento não espacial: *a* representaria a *causação positiva* do evento descrito pelo predicado subordinado, enquanto *de* representaria a *causação negativa* – isto é, o *impedimento* – deste evento.

Como Menuzzi, Ribeiro e Soares (2011, p. 15) observam, esta análise implica a perda completa da relação entre os usos destas preposições com estes verbos e seus usos espaciais. Obviamente, isso é comprometedor, pois preposições são basicamente expressões que codificam, em seus usos primitivos, ideias espaciais (ver, por exemplo,

o estudo de Haspelmath (1996) acerca das preposições em adjuntos adverbiais tanto de tempo como de locação). Em (25) e em (26), para análise de Jackendoff (1990), a oposição *a* versus *de* codifica um operador semântico de negação, padrão nada comum e pouco (ou nunca) atestado nas línguas.

Um outro problema para a representação semântica de Jackendoff (1990), que está presente também em Jackendoff (1985), é a utilização do modalizador de negação para caracterizar o uso de *from* 'de'. Como amplamente discutido nos trabalhos de Koenig & Davis (2000, 2001) e em Menuzzi & Soares (2010a), Soares (2010), componentes de modalidade na representação semântica dos verbos, como o operador de negação, normalmente não afetam a realização de argumentos: trata-se da Hipótese Insensibilidade à Modalidade Sublexical, segundo a qual elementos de natureza modal do significado dos verbos não são relevantes para a expressão sintática dos argumentos verbais; apenas o “núcleo eventivo” do predicado. De acordo com esta hipótese, a oposição *a* versus *de* não poderia ser o resultado de uma oposição semântica criada pela presença do primitivo NOT na estrutura conceitual do verbo.

Um terceiro problema que pode ser colocado para a análise de Jackendoff (1990) é a utilização de verbos "impessoais" como predicados subordinados aos verbos *impedir* e *proibir* – isto é, é possível usar com estes verbos predicados subordinados que não possuem um participante sobre o qual o “antagonista” atua, como vemos em (27):

(27) a. Você não pode impedir de haver estrelas no céu.

b. Secamos o chão, arranjamos lonas pra impedir de chover lá dentro e então fomos arrumar a mesa.

Como a função AFFECT (x,y) é um predicado de dois argumentos, seria preciso dizer que, em (27), o argumento y está ausente. Embora Jackendoff (1990), por vezes, utilize essa função com somente um argumento, para a proposta de Talmy (1988), em quem Jackendoff se baseia, essa análise seria impossível: essa função codifica um sistema de “dinâmica de forças”, isto é, de interação entre dois vetores de força; sua semântica deve ser, portanto, eminentemente relacional (uma “antagonista” precisa de um “agonista”, e vice-versa).²⁸⁹

²⁸⁹ A utilização de construções impessoais com verbos como *prevent*, *resent*, *etc.* é um problema amplamente discutido na literatura sobre a Gramática Gerativa. Conforme Pollard & Sag (1994, p. 118-123), do qual foi extraída a ideia essencial, esses exemplos colocam grandes problemas para propostas de

Haveria uma saída possível se se optasse pela ideia (semelhante a que desenvolveremos a seguir) de que há um argumento afetado subentendido. No entanto, esses verbos podem ter um participante subordinado que não é afetado, ou seja, sua semântica não estaria ligada a ideia de que o participante subordinado obrigatoriamente deve ser afetado. Para ver isso, observe que, como (28) mostra, podemos ter como “agonista” de um verbo de impedimento referentes denotados por expressões como *a situação*.

(28) a. A segurança impediu a situação de se tornar mais severa.

b. Nem isso impediu a situação de chegar aonde está: a
limitação do tabaco nos países ricos.

Entretanto, de acordo com o único teste de afetação que Jackendoff (1990, p. 125-137) propõe – a paráfrase *o que x fez com y foi... – a situação* nos exemplos em (28) não pode ser afetado, pois as frases *o que a segurança fez com a situação foi impedi-la de se tornar mais severa* e *o que isso fez com a situação foi impedi-la de chegar aonde está* soam semanticamente estranhas. Dessa forma, parece-nos que a função AFFECT (x,y) não é capaz de codificar corretamente a semântica de *impedir* e de *proibir* (exemplos como os acima podem ser facilmente reproduzidos com este último verbo). Assim, acreditamos que a representação semântica proposta por Jackendoff (1990) para a classe dos verbos de cessação de ação não se sustenta. No que segue, argumentaremos em favor de um retorno a uma semântica de base espacial. A nosso ver, os verbos de cessação/prevenção de ação não colocam um problema que sejam “intratável” por meio da análise localista; e, como dissemos, a análise de Jackendoff (1990) não nos parece tão satisfatória a ponto de tornar a alternativa localista pouco atraente. Assim, em consonância com as ideias centrais da Hipótese das Relações Temáticas e da Restrição Gramatical, sustentaremos aqui que preposições diagnosticam as “funções locacionais” subjacentes, pois a representação semântica baseada na metáfora locacional explica menos arbitrariamente padrões de representação sintática.

isomorfismo entre sintaxe e semântica, como o que se incorpora no Critério Temático e no Princípio de Projeção da teoria de princípios e parâmetros (Chomsky 1981, 1986). Essencialmente, para uma frase como *We can prevent there from being a riot on Sunday*, em abordagens que postulam isomorfismo entre sintaxe e semântica, é difícil explicar como *there* não recebe uma interpretação semântica mesmo sendo um argumento do verbo. Para maiores detalhes ver Pollard & Sag (1994, p. 100-123).

Para acomodar melhor a semântica dos verbos de causação de não-ação, ressalve-se, é preciso fazer uma separação das seguintes subclasses.

- (29) Verbos de cessação de ação
desmotivar, desestimular, dissuadir, eximir

- (30) Verbos prevenção de ação
proibir, impedir

- (31) Verbos de permissão de omissão
dispensar, desobrigar, liberar

Nos verbos em (29), o tema tem o propósito de (ou até chega a) estar no evento ou no estado, mas o causador o faz sair desse estado de coisas; por isso, a eles pode ser associada a representação (32) abaixo.²⁹⁰

- (32) [CAUSE(x,[GO_{SIT}(z,[(AWAY)FROM_{SIT} ([IN ([Event/State])])])])]

Quanto aos verbos de prevenção de ação em (30), neles o tema não está em um determinado estado de coisas, nem esteve, e o causador tampouco quer que ele chegue a estar nessa situação; assim, pode-lhes ser atribuída a semântica descrita em (33).

- (33) [CAUSE(x,[GO_{SIT}/STAY_{SIT}([Thing/State/Event],
[AWAY FROM_{SIT} ([IN ([Event/State])])])])]

Note-se, também, que a representação em (33) é compatível com os dados em (28), pois o tema pode ser um estado – *a situação* – que passa a um outro estado ou evento, mas que não é afetado. Além disso, é possível ver uma explicação para a utilização dos verbos em (30) com verbos "impessoais", como em (27): há um estado subentendido nas frases em (27). Isso é corroborado pelo fato de que é possível extrair de (27a) o acarretamento de que *há um estado de que há estrelas o céu* e, de (27b), o

²⁹⁰ Deixamos de lado um componente modal de intencionalidade que parece atuar nesses verbos, pois, de acordo com a Hipótese da Insensibilidade à Modalidade Sublexical, ele não é relevante para a realização de argumentos. Para detalhes Koenig & Davis (2001), Soares e Menuzzi (2010a) e Soares (2010).

acarretamento de que há *um estado de que não está chovendo lá dentro*. A semântica da sentença (27a) poderia ser (aproximadamente) parafraseada como "Você não pode causar que um estado de haver estrelas saia do estado de haver estrelas" e, da sentença (27b), como "lonas causam que um estado de não estar chovendo permaneça fora do estado de estar chovendo".

Quanto aos verbos em (31), acreditamos que é possível representar-lhes a semântica como em (34) abaixo: nela, o "agente", em vez de fazer algo, parece somente permitir uma situação; essa diferença semântica, porém, não é relevante para a discussão aqui proposta.²⁹¹

(34) [LET(x,[STAY_{SIT}(z,[AWAY FROM_{SIT} ([IN ([Event/State]))])])])]

Apesar das pequenas diferenças semânticas entre esses verbos, o que se deve ressaltar, em termos de conformidade com a Hipótese Localista, é que todas as representações mantêm constante a ideia de [AWAY FROM_{SIT} ([IN ([EVENT/STATE]))])], o que mantém essencialmente os pontos de acordo com a elaboração de Jackendoff (1985) da Hipótese das Relações Temáticas. Isso pode ser observado tendo-se em vista que a extensão especificada em (19) para o campo situacional é corroborada nas representações em (22) e em (32)-(34). Essas representações também estão em conformidade com a Restrição Gramatical, tendo em vista que a associação entre a semântica das funções TO e (AWAY) FROM e as preposições *a* e *de* é nelas menos arbitrária: basicamente, são mais um caso da metáfora "tempo-como-locação".

5. Considerações Finais

Neste trabalho, procuramos analisar se a dimensão semântico-cognitiva de algumas metáforas, de fato, governa alguns fenômenos da gramática. Para isso, examinamos alguns padrões de realização de argumentos verbais e sua ligação com os significados associados aos itens lexicais (verbos), tratando de obter sinais de que a

²⁹¹ É possível que a diferença entre as classes descritas em (29), em (30) e em (31) seja descrita em termos de valores modais. No entanto, analisar essa hipótese extrapolaria os objetivos e limites desse trabalho.

gramática é sensível ao significado locacional e estende esse significado (assim como seus padrões de representação sintática) a outros campos – neste trabalho, especialmente aos campos possessional e temporal. Buscamos, dessa maneira, confirmar a proposta, bastante difundida na literatura sobre realização de argumentos, de que possuidores podem ser interpretados metaforicamente pela gramática como locações, bem como a ideia de que eventos temporalmente relacionados são extensões metafóricas da ideia de locação.

Para chegarmos a esse resultado, na seção um deste artigo, apresentamos a Hipótese Localista tal como proposta por Gruber e por Jackendoff, essencialmente as duas principais restrições formais elaboradas por Jackendoff para a representação semântica dos verbos: a "Restrição Gramatical", que é comumente aceita na literatura sobre a realização de argumentos, e a Hipótese Localista (ou *Hipótese das Relações Temáticas*) propriamente dita – isto é, em sua versão formalizada. Na seção dois, introduzimos os argumentos (linguístico-gramaticais) essenciais da Hipótese Localista, além do resumo da teoria de associação lexical entre sintaxe e semântica que utilizamos implicitamente ao longo do trabalho; ao final ainda da mesma seção, apresentamos os primitivos locacionais com que trabalhamos na sequência do artigo. Na seção três, analisamos a "Hipótese do Possuidor-como-Locação", procurando confirmá-la confrontando-a com os dados dos verbos de causação de (perda de) posse. Na seção quatro, analisamos a "Hipótese do Tempo-como-Locação", de modo a também confirmá-la aplicando-a à análise dos verbos de causação de (cessação de) ação.

Para analisar os fenômenos envolvendo esses verbos, nossa proposta se baseou em larga medida na Hipótese Localista tal como incorporada à discussão gramatical contemporânea por Gruber (1965) e Jackendoff (1985), especialmente em sua versão formalizada. Para eles, a semântica básica de qualquer verbos é basicamente ligada a ideia de locação e/ou de deslocamento. Mostramos, neste artigo, que a metáfora que associa essa ideia a outros campos semânticos é plenamente produtiva para se derivar os padrões sintáticos associados a certas classes de verbos, como os verbos bitransitivos de causação de posse e de perda de posse, bem como os verbos de causação de ação e os verbos de cessação de ação.

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, J. *The Grammar of Case: Towards a Localistic Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.
- ANDERSON, S. On the Role of Deep Structure in Semantic Interpretation. *Foundations of Language* 7, 1971. 387-396.
- BECK, S. & K. JOHNSON. Double objects again. *Linguistic Inquiry* 35. 2004. 97-124.
- CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- _____. *Knowledge of language: its nature, origin, and use*. New York: Praeger, 1986.
- EMONDS, J. Evidence that Indirect-Object Movement is a Structure-Preserving Rule. *Foundations of Language* 8, 1971, 546-561.
- FILLMORE, C. J. The case for case. In: E. Bach & R. T. Harms, eds., *Universals in Linguistic Theory*. New York, 1968. 1-90
- FODOR, J. Three Reasons for not Deriving "Kill" from "Cause to Die". *Linguistic Inquiry* 1, 1970. 429-438.
- GREEN, G. *Semantics and Syntactic Regularity*. Indiana University Press: Bloomington, 1974.
- GROPEN, J. et al. Learnability and Acquisition of Dative Alternation. *Language* 65:2, 1989, p. 203-257.
- GRUBER, J. S. *Studies in Lexical Relation*. Tese de doutorado. Cambridge: MIT, 1965.
- HARLEY, H. Possession and the double object construction. *Yearbook of Linguistic Variation* 2. 2003. 29-68.
- _____. If You Have, You Can Give. In: B. AGBAYANI and S. TANG (eds) *Proceedings of WCCFL XV*. Stanford: CSLI, 1996. 193-207.
- HARRIS, R. A. *The linguistic wars*. New York: Oxford University Press, 1993.
- HASPELMATH, M. *From space to time: Temporal adverbials in the world's languages*. (Lincom Studies in Theoretical Linguistics, 3.) Munich & Newcastle: Lincom Europa, 1997. 181 pp. Disponível eletronicamente em: <http://www.eva.mpg.de/lingua/staff/haspelmath/pdf/SpaceTime.pdf>
- JACKENDOFF, R. *Meaning and the Lexicon: The Parallel Architecture 1975-2010*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- _____. *Foundations of Language*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- _____. *The Architecture of Language Faculty*. Massachusetts: MIT Press, 1997.
- _____. Conceptual Semantics and Cognitive Linguistics. *Cognitive Linguistics* 7, 1996. 93-129.
- _____. *Semantic Structures*. Massachusetts: MIT Press, 1990.
- _____. The status of thematic relations in linguistic theory. *Linguistic Inquiry* 18, 1987, p. 369-412.

- _____. *Semantics and Cognition*. 2ª edição. Cambridge, MA: MIT Press, 1985.
- _____. Toward an Explanatory Semantic Representation. *Linguistic Inquiry* 5.4, 1976. 481-506.
- _____. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge: MIT Press, 1972.
- KATZ, J. *The Philosophy of Language*. New York: Harper & Row, 1966.
- KATZ, J. & P. POSTAL. *An Integrated Theory of Linguistic Descriptions*. Cambridge: MIT Press, 1964.
- KOENIG, J. P. & A. DAVIS. Semantically transparent linking in HPSG. In Stefan Muller (ed.) *Proceedings of the HPSG03 Conference*. Stanford: CSLI Publications, 2003.
- _____. Sublexical Modality and the Structure of Lexical Semantic Representations. *Linguistics and Philosophy* 24. 2001. 71–124.
- KRIFKA, M. Semantic and pragmatic conditions for the dative alternation. *Korean Journal of English Language and Linguistics* 4, 2004. 1–32.
- _____. Manner in dative alternation. *WCCFL* 18. Somerville, MA: Cascadia Press, 1999. 260–271
- LAKOFF, G. *On Syntactic Irregularity*. New York: Holt, Reinhart and Winston, 1971.
- _____. On Generative Semantics. In: D. STEINBERG & L. JACOBOWITS (eds.). *Semantics*. Cambridge: CUP, 1970. 232-296.
- LAKOFF, G. & M. JOHNSON. *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books, 1999.
- LEVIN, B. Verb Sensitivity in Altaic Ditransitive Sentences. *Proceedings of WAFL* 6. Nagoya, 2010.
- _____. Dative Verbs: A Crosslinguistic Perspective. *Linguisticae Investigationes* 31, 2008, 285-312.
- _____. *English Verb Classes and Alternations: A Preliminary Investigation*. IL, Chicago: University Chicago Press, 1993.
- LEVIN, B. & M. RAPPAPORT-HOVAV. The English Dative Alternation: The Case for Verb Sensitivity. *Journal of Linguistics* 44, 2008b, 129-167.
- _____. *Argument Realization*. Cambridge: CUP, 2005.
- MCCAWLEY, J. The Role of Semantics in Grammar. In: E. Bach & R. T. Harms, eds., *Universals in Linguistic Theory*. New York, 1968. 125-170.
- MENUZZI, S., P. RIBEIRO & E. C. SOARES. *Revisitando a Hipótese Locacional: algumas razões para voltar atrás...* Apresentação no Seminário de Teoria e Análise Lingüística, PPGL/UFRGS, Porto Alegre, 2011.

- MICHOTTE, A. *La perception de la causalité*. Segunda edição. Louvain: Publications Universitaires de Louvain, 1954.
- MILLER, G. A. & P. JOHNSON-LAIRD. *Language and Perception*. MA, Cambridge: Harvard University Press, 1976.
- NEWMAYER, F. J. *Linguistic Theory in America: The First Quarter-Century of Transformational Generative Grammar*. London: Academic Press, 1980.
- OEHRLE, R. *The grammatical status of the English Dative Alternation*. Tese de Doutorado submetida no MIT. 1976.
- OSTLER, N. *Case-linking: a theory of case and verb diathesis applied to classical Sanskrit*. Tese de Doutorado submetida ao MIT. 1979.
- POLLARD, C. & I. SAG. *Head-Driven Phrase Structure Grammar*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- PINKER, S. *Learnability and Cognition: The Acquisition of the Argument Realization*. Massachusetts: MIT Press, 1989.
- SOARES, E. C. *Cliticização em Português: Evidência para Arquitetura Paralela*. Comunicação apresentada no XI SIC da PUC-RS. 2010a. Resumo expandido disponível eletronicamente em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/XISalaoIC/Linguistica/Linguistica/84207-EDUARDOCORREASOARES.pdf>
- _____. *A Semântica do Verbos Dativos em Inglês e em Português: Propriedades e Questões*. Trabalho de Conclusão de Curso UFRGS. 2010b. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/29198>
- SOARES, E. C. & S. MENUZZI. Modalidade Sublexical e Dativização. In: 9º Encontro do CELSUL, 2010, Palhoça. *Anais do 9º Encontro do CELSUL*. Palhoça: Unisul, 2010a.
- _____. Introduzindo e problematizando Papéis Temáticos e Hierarquias Temáticas: um lugar para interfaces. In: *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 35 n.59, p. 1343, jul.-dez., 2010b. Disponível eletronicamente em <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/index>.
- _____. Dativização em Português - Algumas Restrições. In: Encontro Nacional do Grupo de Trabalho Teoria da Gramática, 2009, Brasília. *Anais do Encontro Nacional do Grupo de Trabalho Teoria da Gramática*. Brasília : UNB, 2009.
- TALMY, Leonard. *Toward a cognitive semantics*. v. 1 e 2. Cambridge: MIT Press, 2000.
- _____. Force Dynamics in Language and Cognition. *Cognitive Science* 12, 1988. 49-100. (Republicado em *Toward a cognitive semantics*. v. 1. Cambridge: MIT Press, 2000.)
- WECHSLER, S. *The Semantic Basis of Argument Structure*. CSLI Publications: Stanford, 1995.